

MARIA MENDES

A Nova Voz do Jazz The New Voice of Jazz

A maturidade e a determinação que transparece não deixam adivinhar a sua idade. Com apenas 27 anos, Maria Mendes tem sido consecutivamente premiada e agraciada pela crítica internacional, que a vê como uma das novas revelações do jazz europeu. Nascida no Porto, a cantora portuguesa de formação clássica, que aos três anos sonhava ser cantora de ópera, empenhou antes o seu talento no jazz. Há seis anos foi para Roterdão e não mais voltou. É lá que vive, que ensina canto jazz e de onde parte para palcos europeus, brasileiros, americanos e asiáticos com o seu primeiro álbum, *Along the Road*, editado em 2012 pela nova-iorquina DotTime records. Apesar do futuro promissor que já lhe foi antevisto por Quincy Jones, Maria Mendes vive sem pressa, decidida a encantar o mundo com a doçura da sua voz.

The maturity and determination that she emanates bear no reflection on her age. At just 27 years, Maria Mendes has been repeatedly recognised and honoured by international critics, who see her as one of the latest discoveries of European jazz. Born in Oporto, the Portuguese classically trained singer, who at three years of age dreamed of being an opera singer, has chosen instead to commit her talent to jazz. Six years ago she went to Rotterdam and she has never returned. That's where she lives, teaches jazz singing and from where she sets off for European, Brazilian, American and Asian stages with her first album, *Along the Road*, released in 2012 by New York's DotTime Records. Despite the promising future that has already been predicted for her by Quincy Jones, Maria Mendes passes unhurried through life, determined to charm the world with the sweetness of her voice.

TEXTO TEXT CAROLINA XAVIER E SOUSA \ FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY 1,2 © DAVID DINIS 3 © EWOUDDROOKS



«O reconhecimento é importante, mas não é o que alimenta a minha paixão e a minha música. Tenho uma linha objetiva. Sei onde quero chegar. Quero viajar muito, continuar a ter inspiração e a ter credibilidade entre os meus pares. E manter isto por longo caminho» \\ \\ «Recognition is important, but it is not what fuels my passion and my music. I'm objective in my vision. I know where I'm going. I want to travel a lot, to continue to find inspiration and to have credibility among my peers. And to keep it for the long haul»



Nascida no seio de uma família com uma especial sensibilidade artística, Maria Mendes deve sobretudo à mãe a proximidade que desde cedo teve com a música clássica. Talvez por isso se tenha dedicado com afinco ao estudo de música clássica até aos seus 17 anos, altura em que a curiosidade de remexer nos velhos álbuns dos seus pais e a liberdade musical que sentiu ao cantar temas de jazz lhe vieram trocar as voltas... abrindo-lhe as portas de um universo que viria a torná-lo seu. Foi então que «tudo se uniu como um puzzle» e que cresceu em Maria Mendes a vontade de caminhar pelos trilhos do jazz e de aprofundar conhecimentos na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (Porto). Durante a licenciatura, partiu para Roterdão ao abrigo do programa Erasmus, cidade à qual se rende até hoje, pela dimensão cultural e pelo ritmo de trabalho que lá encontrou e com os quais se identifica, reconhecendo simultaneamente a vantagem geográfica de estar no centro de Europa.

Foi também na Holanda, durante a sua tese de mestrado, que Maria Mendes procurou descobrir-se e explorar a sua ligação à bossa nova. «Aí encontrei um envolvimento muito grande com a música brasileira, não de querer fazê-la como os brasileiros a fazem, mas ao meu jeito», diz Maria Mendes, que mantém com o Brasil estreitos laços familiares. Será provavelmente esta influência que leva a crítica internacional a classificar a sonoridade do seu álbum de estreia de um «jazz exótico com uma nostalgia portuguesa», designação que rouba um sorriso a Maria Mendes.

Born into a particularly artistic family, Maria Mendes owes her appreciation of classical music, nurtured from an early age, to her mother. This is probably why she dedicated herself assiduously to studying classical music up to the age of 17, the moment at which her curiosity of rummaging through her parent's old albums and the musical freedom she felt when singing jazz tracks caused her to change course and opened the way to a universe that she would make her own. It was then that «it all came together like a puzzle» and the desire grew in Maria Mendes to journey into the world of jazz and to broaden her knowledge at the School of Music, Art and Performing Arts (Oporto). During her degree course, she left for Rotterdam as part of the Erasmus programme, the city to which she surrenders to this day, given its cultural dimension and the pace of work she found there and with which she identifies, while recognising the geographical advantage of being at the centre of Europe.

It was also in the Netherlands, while she was doing her master's thesis, that Maria Mendes entered a journey of self discovery, exploring her connection to bossa nova. «Then I discovered a huge affection for Brazilian music, without wanting to do it as Brazilians do, but to do it my way.» says Maria Mendes, who maintains close family ties with Brazil. It was probably this influence that led to international critics classifying the sound of her debut album as «exotic jazz with a Portuguese nostalgia», a description that brings a smile to Maria Mendes' face.

Along the Road, gravado na Alemanha e na Holanda, é maioritariamente composto por temas que sempre pertenceram ao imaginário da cantora: «vejo as canções que não me pertencem como uma fotografia que ainda não está terminada. Para mim é mais desafiante pegar em algo que já foi feito e fazer uma coisa diferente e única». Ouvimo-la sobretudo cantar em inglês, apesar de ter também músicas com sotaque português e brasileiro. «A nostalgia portuguesa é algo que me identifica como portuguesa lá fora», diz Maria Mendes, considerando-se porém «feliz demais para cantar fado». A melancolia inflamada pelos quilómetros que a separam de Portugal e da sua família, bem como o seu lado romântico (sempre positivos!) sentem-se na sua arte. «No meu caso, a música é muito autobiográfica, é aquilo que eu sou», confirma Maria, que, apesar de se dedicar ao estudo académico musical e de tentar manter «o lado intelectual do jazz», se preocupa em tornar a sua música perceptível aos ouvidos de todos. «Acredito vivamente que o poder da música está em ser partilhada, em ser sentida. Quanto mais real é esse vínculo, mais interessante se torna», conclui.

O que a faz feliz? «Um bom vinho, uma excelente companhia e uma playlist com as músicas e artistas que eu mais gosto», seleção que, além de jazz instrumental, contempla cantores com o «fraseado vocal específico» que tanto admira, enumerando Tony Bennett, Frank Sinatra, Betty Carter ou Elis Regina como exímios intérpretes.

Along the Road, recorded in Germany and the Netherlands, is made up mostly of songs that have always been part of the singer's imagination: «I see the songs that do not belong to me like a photo yet to be finished. For me it is more challenging to take on something that has already been done and to do something different and unique.» She can be heard singing primarily in English, although she also does also have songs that reveal a Portuguese and Brazilian accent. «Portuguese nostalgia is something that identifies me as Portuguese abroad,» says Maria Mendes, who considers herself «too happy to sing fado». The melancholy enflamed by the kilometres that separate her from Portugal and her family, in addition to her romantic side (always a positive!) can be felt in her art. «In my case, music is very autobiographical, it is what I am,» Maria explains, who, despite devoting herself to the study of music and trying to keep up «the intellectual side of jazz», concerns herself with making her music appreciable to anyone's ears. «I strongly believe that the power of music lies in being shared, in being felt. The more real this bond, the more interesting it becomes,» she concludes.

What makes her happy? «A fine wine, great company and a playlist featuring the songs and artists I like most», a compilation that besides instrumental jazz includes singers with the «specific vocal phrasing» that she so admires, listing Tony Bennett, Frank Sinatra, Betty Carter and Elis Regina as outstanding artistes.